Módulo de Estimulação Precoce

UNIDADE 1:
INTRODUÇÃO

Importância da estimulação precoce para o desenvolvimento da audição

BEATRIZ CAIUBY NOVAES
Profa. Dra. do Departamento de Fonoaudiologia da PUC-SP. Superintendente da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic) da PUC-SP



A importância da estimulação precoce

A importância da estimulação precoce é porque desde o minuto em que a criança nasce, ela precisa ter contato com o mundo em todos os seus sentidos: visual, auditivo, tátil. Assim, se eu pego uma criança e ponho no meu colo, a vibração na hora em que eu falo; o que ela ouve; ver a minha boca mexer e ouve o que eu digo, ou no colo da mãe por exemplo, a criança vai integrando todas essas informações e o cérebro do bebê vai se formando.

O cérebro vai se formando para cada estímulo e pela integração entre esses estímulos. A gente sabe, por exemplo, que o bebê de 6 meses já discrimina a diferença de um som que é da língua que ele é exposto, versus se você faz um som em uma língua estrangeira. Com essa ação, o bebê tem uma reação diferente, ele tem um estranhamento, ele não percebe uma diferença se não for numa língua que ele está exposto.

Assim, a percepção auditiva se dá desde o útero. A gente já tem isso em informação e, a cada pequena informação dessa, vai formando áreas no cérebro, que depois vão ser responsáveis para a pessoa entender uma palavra. Por isso, começar desde que se nasce, mesmo que seja uma perda profunda, vamos dizer, a gente está colocando aparelhos auditivos em bebês com quatro ou cindo semanas de vida. Isso porque, desde então, se você for pensar que o bebê está mamando e eu tenho uma mãe que está gesticulando, sem emitir som, é uma experiência de rosto – uma boca mexendo, um sorriso. O bebê estará sentindo, está vendo, mas não estará ouvindo. Trata-se de uma experiência diferente.

Noutra possibilidade, com a mesma distância, na mesma ação de amamentar, a criança, mesmo com uma perda profunda, um rosto [o da mãe] que falou: "Oi, você está com fome? Você quer mais um pouco?". Nessa ocasião, o combinado entre as sensações tátil – da impressão da mãe; o que ele ouve e o que ele vê, vai integrando essas informações, contribuindo para o desenvolvimento global e para o vínculo.

Diante disso, notamos que a estimulação, o mais cedo possível, colocando um aparelho de amplificação, e começando a orientação, facilita o vínculo, porque, antigamente as crianças apareciam com um ano e meio, dois, quando alguém desconfiava que ela não ouvia bem.

O que se notou foi que, em casa os familiares já estavam vendo que a criança não respondia; batiam palma, ela não virava, não estava falando. Isso é um processo lento, no qual a família vai dando conta de que a criança não escuta. Quando você sai da maternidade com a suspeita, e você confirma um diagnóstico com um ou dois meses, tem que fazer alguma coisa a respeito, porque senão você tem a frustação de saber que a criança não ouve, mas alguma coisa poderia estar sendo feita.

O envolvimento da equipe de saúde com a família

Se eu tenho um bebê que está em formação e em movimento, e várias áreas estão se desenvolvendo, com ou sem uma deficiência implicada naquele desenvolvimento, um profissional nunca vai dar conta disso. Eu estou num momento em que a relação mãe-bebê vai ser a base para a constituição dessa pessoa, do ponto de vista emocional, cognitivo, e eu mostro uma deficiência, uma deficiência auditiva, mas eu não estou tratando o ouvido.

Qualquer fonoaudiólogo que acha que pode trabalhar sozinho, é impossível. A equipe que está em contato com a mãe, que vai lá todas as semanas, que conhece a família, que sabe que aquela avó tem uma participação. Então, todos estarão a serviço do melhor desenvolvimento possível para aquela família. E o conhecimento específico vai sendo agregado, por exemplo, mexer no aparelho para ele não apitar, ver se o molde está bom, trocar um tubinho para ele estar em bom funcionamento. O fonoaudiólogo vai fazer tudo isso e depois deixar completamente organizado para ir para casa. Mas se a mãe está com dificuldade de pôr o molde, se não encaixou na orelhinha do bebê, com certeza quem está em contato direto com a família vai ser fundamental que faça esse acompanhamento.

A microcefalia e o desenvolvimento auditivo

Quanto à questão da microcefalia, gerada pelo Zika, já se sabe muito sobre microcefalia, e deficiência de audição, estimulação precoce, a diferença aí é que o prognóstico do que exatamente vai acontecer é desconhecido. Por exemplo, no citomegalovírus, às vezes a criança nasce com o problema, mas ouve; pode desenvolver um problema de audição ao longo do primeiro ano.

Diante dessa situação, a criança tem que ser monitorada, porque não necessariamente toda criança que algum problema com um agente viral desconhecido, como é o caso do Zika, é importante a equipe toda estar atenta para pequenas mudanças de comportamento, porque eu posso não ter uma perda de audição logo nos primeiros meses e ela pode vir a se manifestar. E esse monitoramento é porque nós não conhecemos o mecanismo de atuação do vírus. Assim, é importante que todos tenham atenção para os múltiplos fatores que pode acontecer.